

MARCAS DA SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES NA (RE)ESCRITA DE CONTOS DE FADAS

Gisele Maria Souza Barachati¹

Resumo: Este artigo tem como tema central as marcas de subjetividade na (re)escrita de textos. O problema que desencadeou esta pesquisa foi a recorrente ideia de muitos pedagogos de que a reescrita de um texto corresponde a uma “quase-cópia” de um determinado texto-fonte e que, sendo assim, possibilita pouca ou nenhuma criatividade a quem o reescreve. Partindo-se do pressuposto de que a reescrita de um texto revela, em sua materialidade linguística, marcas da subjetividade de quem o (re)produz, pretende-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira a subjetividade se apresenta na reescrita de um texto? Segundo aportes teóricos da Análise do Discurso de Linha Francesa, o texto analisado revelou-se um campo fértil de expressão de partes da subjetividade das professoras que o (re)escreveram a partir do conto da Chapeuzinho Vermelho.

Palavras-chave: subjetividade, escrita, professoras.

Abstract: This article has the central theme of the subjectivity in (re)written texts. The problem that established this research was the current idea of pedagogical professionals that rewriting a text based on an existing one is almost like copying it, which gives the writer (almost) no possibilities of using his or her creativity. It is assumed in this research that rewriting from an existing text reveals, in its linguistic material, traces of the subjectivity of the writer, which leads us to the research question: how is subjectivity presented in a rewriting of a text? According to the theoretical approach of the French Discourse Analyzes, the analyzed text revealed that rewriting a text is a fertile field of expression of parts of the subjectivity of the teachers who wrote their text based on the fairy tale of Little Red Hiding Hood.

Key-words: subjectivity, writing, teachers.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar a escrita de professores em um percurso de formação pedagógica, para a identificação, descrição e interpretação das marcas de subjetividade reveladas nos dizeres, materializados nos discursos das docentes.

O problema que desencadeou a pesquisa foi a recorrente ideia de muitos pedagogos de que a reescrita de um texto corresponde a uma “quase-cópia” de um determinado texto-fonte e que, sendo assim, possibilita pouca ou nenhuma criatividade ou expressão de subjetividade a quem o reescreve. Pretende-se, com o presente estudo, de maneira geral, identificar as marcas

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pela Unitau – Universidade de Taubaté.

de subjetividade na (re)escrita de textos a partir de um determinado texto fonte. Pretende-se também, mais especificamente, descrever e interpretar essas marcas de subjetividade, de forma a compreender o processo de produção de sentidos e sua relação com uma ou mais formações discursivas. Esta pesquisa procura responder à seguinte pergunta: de que maneira a subjetividade se apresenta na reescrita de um texto?

Partindo-se do pressuposto de que, segundo Pêcheux (1969 apud ORLANDI, 2006, p. 17), nenhum sentido existe em si mesmo, seja de uma palavra, uma expressão ou uma proposição, mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que é produzido, sustenta-se a hipótese de que, seja na escrita de um texto “inédito”, seja na reescrita de um texto, cujo enredo já existe por criação de outrem, toda escrita revela, em sua materialidade linguística, marcas da subjetividade de quem o (re)produz, em determinadas condições de produção, inserindo-se o sujeito-autor em uma determinada formação discursiva. Desta forma, a posição-sujeito se faz revelada na reescrita do texto e remete o autor a uma formação discursiva – e não outra – possibilitando ao analista do discurso compreender o processo discursivo para além ou aquém das palavras (ORLANDI, 2013). É nesse jogo de sentidos que o sujeito, ao significar, significa-se, constitui-se pela inscrição em uma formação discursiva, interpelado pela língua, pela memória, pelos sentidos. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Assim posto, este artigo visa contribuir com a formação de pedagogos e demais professores, que atuam em sala de aula na formação de leitores e escritores, para que possam utilizar-se da estratégia metodológica da proposição de reescrita de textos, sem o receio de estar impossibilitando os estudantes de manifestarem sua subjetividade na realização desta tarefa. Pretende-se demonstrar como a escrita, em qualquer que seja a situação, sempre revelará algo de quem a produziu; algo de um sujeito dentro de uma determinada condição de produção, da qual faz parte a formação discursiva e a subjetividade.

O corpus da pesquisa consiste em excertos de um texto, produzido em situação de sala de aula, em um curso de formação de professores na faixa etária de 20 a 50 anos de idade, do Ensino Fundamental I (1º a 5º anos), ministrado em 2013 na cidade de São José dos Campos, a partir de uma determinada comanda dada pela formadora do curso em questão. Os excertos do texto das professoras apresentados neste artigo foram analisados segundo pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa. A proposta consistia, basicamente, na reescrita de um conto de fadas, baseado na obra infanto-juvenil “Chapeuzinhos Coloridos”, de Pimenta e Torero (2010).

O artigo divide-se em quatro partes, a saber: em um primeiro momento, será apresentado o *conceito de reescrita* de textos como estratégia metodológica que favorece o ensino da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Em um segundo momento, serão apresentados *conceitos-chave da Análise do Discurso de linha francesa* para a compreensão da análise dos excertos do texto das professoras, tais como: *subjetividade, escrita, formação discursiva, posição-sujeito e contexto de produção*. Na sequência do artigo será apresentado o *corpus da pesquisa*, bem como sua *análise*. O artigo encerra-se com a *conclusão*, respondendo-se à pergunta da pesquisa.

A reescrita como estratégia metodológica de ensino da escrita para escritores pouco experientes

O conceito de reescrita apresentado neste artigo não corresponde ao campo teórico da Análise do Discurso de linha francesa, mas da Didática, de forma a melhor situar o conceito e o contexto de produção em que os textos analisados foram produzidos.

Compreende-se como reescrita de textos, segundo Teberosky (1992, p.94), “um procedimento mais geral que dá lugar à citação, à imitação, à simulação, à paráfrase.” Ao propor esse procedimento em classe, tem-se o objetivo de fazer com que os estudantes possam “imitar o comportamento do outro, e esse ‘outro’ seria um profissional da redação escrita.” De acordo com a autora, o objetivo que se tem ao trabalhar com textos na educação formal é o desenvolvimento da textualidade, ou seja, “das construções linguísticas que constituem a linguagem-que-se-escreve” (TEBEROSKY, 1992, P.63).

A pesquisadora diferencia, em seus estudos, o que denomina conhecimento técnico da escrita e conhecimento literário da escrita. O primeiro, alude ao conhecimento específico do funcionamento do sistema de escrita alfabética; o segundo, ao conhecimento da linguagem escrita. Ao propor atividades de reescrita, pretende-se desenvolver, com maior ênfase, o conhecimento literário da escrita, possibilitando ao aprendiz centrar-se na organização do texto, na forma de expressão, em vez de centrar-se nas ideias em si, uma vez que a história deve ser conhecida e estar guardada na memória. Desta forma, o que se propõe como atividade de escrita não se resume à mera transcrição de um texto original, nem uma cópia, mas uma produção que tenha como referência um texto familiar, conhecido pelas crianças. Esse procedimento possibilita aos escritores pouco experientes, entre outras coisas, distinguir entre o que está escrito daquilo que se pretende dizer, apoiando-se para isso, no conhecimento do texto que se tem de memória.

Muitas variações são possíveis no desenvolvimento da atividade de reescrita, explica Teberosky (1992), desde a escrita do texto tal qual o texto-fonte, até propostas de alteração do texto, como, por exemplo, a inserção de novos personagens à história, alteração de desfecho, inserção de elementos mágicos, mudança de foco narrativo, entre outras propostas que possibilitam ao professor aumentar o grau de desafio da atividade.

Quanto às condições sociais de realização da atividade de reescrita, o que se propõe para escritores iniciantes é a realização da tarefa em parceria com outros colegas, de forma a enriquecer o processo individual de aprendizagem de cada um “pela colaboração, distribuição, negociação e discussão das tarefas de ditar, escrever, ler, revisar e corrigir” (TEBEROSKY, 1992, p. 113).

Pressupostos teóricos: conceitos da Análise do Discurso de linha francesa

A Análise do Discurso (AD) é uma disciplina de entremeio que se constitui na contradição de três campos do saber: a linguística, a psicanálise e o marxismo. Em relação a essas três áreas do conhecimento, a AD atua na opacidade do objeto de estudo de cada uma, respectivamente: da língua, da historicidade e do sujeito.

A análise de discurso tem seu método e seu objeto próprios que tocam os bordos da linguística, da psicanálise, do marxismo, mas que não se confundem com eles. Podemos, isso sim, dizer que a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões científicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria psicanalítica do sujeito. É este o contexto teórico da análise de discurso (ORLANDI, 2006, p. 13).

A AD trata do discurso, isto é, das práticas de linguagem, procurando-se compreender, de acordo com Orlandi (2013, p.15) “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

O texto é o lugar teórico para a AD, que considera seu funcionamento na relação que se estabelece entre a materialidade linguística do discurso e sua exterioridade social e histórica, indissociavelmente. O discurso pode ser definido como efeito de sentido entre interlocutores, ou seja, entre os sujeitos que dele participam em uma dada circunstância, que constitui as condições imediatas (restritas) de sua produção. Se o fundamento da AD de linha francesa é a determinação sócio-histórica (ideológica) do discurso, dito de outra forma, a relação entre sujeito e discurso, a análise de um discurso pressupõe a análise de suas

condições de produção: amplas e restritas. Segundo Uyeno (2006, p. 6) apoiada em Pêcheux, “as condições amplas do discurso a se analisar dizem respeito a um momento sócio-histórico”; as condições restritas dizem respeito ao contexto imediato de produção, o que envolve os interlocutores (sujeitos), o local onde se deu o discurso e a finalidade comunicativa. As condições de produção ampla e restrita são indissociáveis.

Faz parte ainda das condições de produção a memória discursiva ou o interdiscurso. A memória discursiva ou o interdiscurso compreende as possibilidades de dizeres nas condições amplas da enunciação; está relacionada a uma historicidade da linguagem que faz com que o sujeito se aproprie, tome como suas, palavras que já foram produzidas de diferentes formas e em diferentes dizeres anteriores ao seu. Assim posto, a linguagem é memória. O interdiscurso é composto por um conjunto de formações discursivas, conforme explica Pêcheux (1969 apud ORLANDI, 2006, p. 17):

O sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo (isto é, em uma relação transparente com a literalidade), mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Elas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Chamamos então formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia [...] não podemos pensar a ideologia, em termos discursivos, sem pensar a linguagem.

O sujeito do discurso, portanto, para a AD é o resultado da relação com a linguagem e a história; ele é constituído a partir da relação com o outro. Ao analisar um discurso, o que se propõe identificar é a posição-sujeito em que o sujeito do discurso se mostra inserido através da linguagem empregada na enunciação. A posição-sujeito refere-se, então, ao sujeito do discurso interpelado por uma (ou mais) formação discursiva. “Quando fazemos uma análise, a posição-sujeito e o sentido são relativos à inscrição a uma formação discursiva do dizer submetido à análise”, explica Orlandi (2006, p.17). O sujeito do discurso revela-se assim, pela linguagem, isto é, a linguagem releva traços da subjetividade do sujeito: “se é sujeito pelo assujeitamento à língua na história” (ORLANDI, 2006, p. 19).

A subjetividade do sujeito integra-se ao funcionamento do discurso e ambos, sujeito e discurso, são determinados historicamente. O texto, então, como unidade de análise do discurso, “tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer)” (ORLANDI, 2006, p.22).

A escrita, por sua vez, segundo Coracini (2010, p. 24):

[...] significa, ao mesmo tempo, um movimento para fora (ex-scripta) – de si para o outro – e um movimento para dentro (in-scripta) – do outro para si, do outro em si – de modo que a escrita, ou melhor, a escritura implica na inscrição daquele que (ex)põe suas ideias, seus sentimentos, seus afetos e desafetos, ao mesmo tempo em que o sujeito se vê envolvido (marcado) pelo que escreve. Dessa perspectiva, a inscrição de si na textualidade, no tecido, na tessitura, que constitui todo e qualquer gesto de interpretação, é sempre produção de sentido e, portanto, produção de texto.

Com base no dispositivo teórico de interpretação da AD francesa é que se tomou para análise o corpus de pesquisa, composto por textos escritos por professores, sendo a escrita a partir do exposto e deste ponto em diante, compreendida como (re)escritura, ou seja, inscrição de si mesmo e de outros sujeitos presentes no interdiscurso. O sujeito materializado no discurso dará lugar ao autor, sujeito responsável socialmente pelo texto que produz, pela organização do sentido e pela unidade do texto.

Condições de produção restrita e ampla do discurso

O corpus desta pesquisa é composto por excertos de um texto produzido por duas professoras em um curso de formação continuada.

As condições restritas de produção do discurso das professoras correspondem a um curso de formação de docentes de Anos Iniciais, do Ensino Fundamental, com uma carga horária de trinta e seis horas, distribuídas em três horas semanais, oferecido fora do horário de trabalho, em caráter particular e não público. A proposta do curso é desenvolver estratégias de ensino da produção escrita por meio de propostas de projetos envolvendo a (re)escrita de textos narrativos, em especial, de contos.

De forma bastante resumida, a (re)escrita foi realizada em duplas ou trios, após uma extensa atividade de leitura e análise de seis contos de fadas da obra infanto-juvenil “Chapeuzinhos Coloridos”, de Pimenta e Torero (2010). As seis versões do conto da Chapeuzinho Vermelho — Chapeuzinho Azul, Chapeuzinho Abóbora, Chapeuzinho Verde, Chapeuzinho Branco, Chapeuzinho Lilás e Chapeuzinho Preto — foram lidas, atendendo-se à

função social do conto que é a leitura por prazer e, em seguida, foram retomadas para atender à finalidade didática de ler para aprender a escrever um conto de fadas. Foram identificadas as regularidades de cada conto e, posteriormente, os seis contos foram cotejados por meio dessas regularidades.

Em relação às regularidades de cada conto, constatou-se que a cor da Chapeuzinho tinha relação direta com o alimento ou objeto que ela levava na cesta para a casa da avó, com suas características físicas e com os argumentos do Lobo que a convencesse de seguir um caminho mais longo para a casa da avó. Tinha alguma relação também com as características psicológicas da personagem principal e com as respostas dadas pelo Lobo às perguntas feitas pela menina, ao chegar à casa da vovó, em relação ao tamanho dos olhos, orelhas, mãos, nariz e boca do lobo, disfarçado de velha. O desfecho da história também se relacionava com as características físicas e/ou psicológicas da Chapeuzinho.

No caso da Chapeuzinho Abóbora, por exemplo, ela era gordinha e tinha grandes bochechas. Vestia uma roupa cor de abóbora bem escandalosa. Em sua cesta carregava uma torta de abóbora com cobertura de chantili. O lobo sugeriu à menina gulosa seguir para a casa da avó por uma trilha mais longa, com o argumento de que encontraria lá jabuticabeiras, macieiras, pereiras, figueiras, ameixeiras, bananeiras, abacateiros e mangueiras. Ao chegar à casa da avó, Chapeuzinho interrogou-a e recebeu respostas coerentes com seu perfil de menina gulosa: as orelhas eram grandes para ouvir o leiteiro passar; os olhos – para ver os bolos crescerem; as mãos — para segurar melancias e jacas; o nariz — para sentir o cheiro do pão quentinho e a boca — para comer a menina. No desfecho, o lobo devorou todos os personagens e explodiu de tanto comer.

Em relação às regularidades entre os seis contos, constatou-se basicamente, que as histórias apresentavam episódios comuns e episódios diferentes. É comum em todas as histórias: a apresentação do lugar e da personagem principal, a justificativa do apelido da menina, o pedido da mãe para levar algo à casa da avó, o conselho da mãe para que não saísse do caminho, a canção que a menina cantarolava no caminho para a casa da avó, o encontro com o lobo na floresta, a ida da menina pelo caminho mais longo, a chegada do lobo à casa da avó, a avó sendo engolida pelo lobo (em quatro histórias), a chegada de Chapeuzinho à casa da avó, as perguntas que a menina faz ao lobo disfarçado, o aparecimento do caçador e a lição que os personagens aprendem ao final da história. São irregulares nos contos, a Chapeuzinho sendo engolida pelo lobo e o caçador matando o animal.

A comanda dada às professoras para a realização da (re)escrita consistiu na *escrita de uma nova história, mantendo-se as regularidades identificadas em cada conto e nos contos*

entre si, podendo-se decidir, quanto aos aspectos irregulares, se a Chapeuzinho seria engolida ou não, e se o caçador mataria ou não o lobo. Portanto, as professoras tiveram que criar uma nova Chapeuzinho, tendo como apoio os episódios regulares dos textos-fonte.

As condições amplas de produção do discurso dizem respeito a um momento sócio-histórico contemporâneo de supervalorização da beleza exterior, de ditadura da beleza, no qual, especialmente as mulheres, lutam contra a ação do tempo ao tentarem manter-se jovens e bonitas. A mídia, especialmente, produz discursos voltados para a moldagem do sujeito, em conformidade a determinados padrões de estética, promovendo uma produção de subjetividade de natureza coletiva, conforme assinala Sargentini (2004 apud FERNANDES, 2012). Numa sociedade de consumo onde as pessoas são assediadas pela mídia, são objetos de desejo produtos de beleza que prometem retardar o envelhecimento, cirurgias plásticas, roupas que realçam o corpo esbelto, belo, jovem, saudável e definido das mulheres que travam uma incessante luta pautada pela “falta, pela ausência” de algum elemento que lhe traga felicidade. Segundo os pressupostos teóricos da psicanálise freudiana/lacaniana, todo ser humano é constituído pela falta e assim, na falta de um corpo bonito ou uma roupa de grife, as mulheres travam uma luta contra si mesmas, em busca de objetos que preencham a incompletude que constitui todos os humanos.

Sob as condições de produção aqui expostas, foram analisados os excertos de um texto de uma dupla de professoras, apresentados na sequência deste artigo.

Análise do *corpus* de pesquisa

O *corpus*, objeto de análise da presente pesquisa, foi constituído por excertos de (re)escritas de duas professoras, organizadas em uma duplas de trabalho, para a escrita de um conto da Chapeuzinho.

Como se pode observar, no excerto 1 (doravante E1), referente à história intitulada “Chapeuzinho Oncinha”, escrito por uma dupla de professoras (doravante D1), inicia sua história a partir da caracterização do espaço e da personagem.

E1. Chapeuzinho Oncinha

Era uma vez, uma menina muito *antenada com a moda*, que morava em um *condomínio afastado da cidade*, no meio da floresta, ambiente ideal para as fotos do seu blog. [...] ela adorava ir ao shopping se vestindo na moda.

D1.

D1 apresenta, na descrição do ambiente em que se passa a história, indícios de que a personagem principal pertence a uma alta classe social, morando em um *condomínio afastado*

da cidade. Apresenta também, na caracterização da personagem central, a preocupação da menina com a *moda*, o gosto por passeios ao *shopping* vestindo-se conforme a moda. A personagem também apresenta afinidade com o mundo digital, dispondo de um “blog” no qual posta frequentemente suas fotos; a escolha lexical “antenada” reforça a ideia da inserção no mundo da tecnologia. Tal escrita denuncia o que Coracini (2010) considera como *in-scripta*, ou seja, um movimento do outro para si. Pode-se dizer que as autoras dessa narrativa deixaram escapar aquilo que as constitui, ou seja, que constitui sua subjetividade, assumindo posicionamentos de pertencimento a grupos, a lugares que lhe asseguram a existência e revelam, através do discurso, condições de sua formação.

Na conversa com a mãe, Chapeuzinho Oncinha é solicitada a levar certos produtos à avó, como mostra E2.

E2.

- Filha, os produtos de beleza de sua Avó acabaram. Leve esta cesta para ela, separei algumas coisas essenciais: perfume, maquiagem, cremes faciais e claro ... esmaltes, tudo seguindo a tendência primavera verão.

D1.

Note-se no E2, a preocupação da mãe em suprir a avó com *produtos essenciais* de beleza como *perfume, maquiagem, cremes faciais* e *esmaltes*. O verbo “*acabaram*”, referindo-se aos produtos de beleza da avó indica que a senhora já utilizava esse tipo de produto. A expressão “*claro*”, seguida de reticências, enfatiza a importância dos “*esmaltes*” e passa a ideia de que esse produto é, de fato, essencial e, portanto, não poderia ser esquecido. A expressão “*seguindo a tendência primavera verão*” reforça a ideia de que a menina e sua mãe são “*antenada(s) com a moda*”. Os efeitos de sentido materializados no discurso dessa dupla são reveladores de traços de subjetividade do momento histórico contemporâneo da ditadura da beleza e do consumo. O discurso é constituído por uma gama de enunciados produzidos, nas palavras de Gregolin (2004, p.26 apud FERNANDES; NAVARRO, 2012) “por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitem que ele seja enunciado”.

Antes de a menina sair para levar os produtos à avó, sua mãe chama sua atenção para que não fale com estranhos, argumentando da seguinte forma, como mostra E3.

E3.

Como você é linda e bem vestida podem te sequestrar.

D1.

Observa-se, na fala da mãe, uma preocupação com a possibilidade de a menina ser sequestrada, preocupação esta de uma alta classe social, que também pôde ser identificada no texto na descrição inicial do espaço em que se passa a história. O adjetivo “*linda*” e a locução adjetiva “*bem vestida*” direcionam o foco da narrativa para a aparência física da menina, como elemento que chama a atenção das pessoas, e, por essa razão, associada à alta classe social, ela correria o risco de ser sequestrada. No Brasil, o contexto social atual permite apreender essa informação do texto das professoras devido ao alto número de sequestros que ocorrem anualmente no país. Esse excerto remete-nos ainda, ao conceito de exterioridade de Orlandi (2006), pois um discurso da mídia sobre a violência foi espelhado no texto analisado. Segundo Fernandes; Navarro (2012), considerando que o sujeito é constituído no e pelo discurso, e que este também é objeto de desejo e de poder, a mídia aparece como um dispositivo produtor de subjetividade.

No caminho da casa da avó, Chapeuzinho canta uma canção, uma quadrinha, cujos dois últimos versos são apresentados no E4.

E4.

*Vovó está doente
precisa de uma corzinha.*

D1.

Observe que a “doença” da avó está associada à falta de cor, à palidez, que poderá ser resolvida com a ajuda de produtos de beleza. A doença aparece mais como sinônimo de “desarrumação” do que de ausência de saúde. Os discursos produzidos em uma configuração específica da história, a da atualidade, produzem subjetividade e “visam à construção de verdades para os sujeitos sobre como é/deve ser a língua e o corpo, criam assim práticas ‘exclusivistas e separatistas de subjetivação’ (Sargentini, 2014 apud FERNANDES, 2012, p.83-84).

Ao adentrar na floresta, Chapeuzinho é surpreendida pelo lobo, que inicia um diálogo com a menina, como mostra E5.

E5.

- Nossa, que casaco fashion! Onde vai tão bonita?

D1.

O lobo mostra-se atraído pela beleza da menina e de sua roupa “*fashion*”. Sua pergunta reforça a atração pela beleza exterior da menina através da expressão “*tão bonita*”. O termo “*fashion*”, um estrangeirismo comumente usado no mundo da moda, caracteriza o movimento do outro para si (*in-scripta*), como postulou Coracini (2010).

Na sequência da história, o lobo pensa em como poderá devorar a menina. Note-se a expressão utilizada pelo personagem ao final de seu pensamento em E6.

E6.
“Estou com muita fome, quero comer as duas. Já sei como enganar esta *peruinha*.”
D1.

A escolha lexical “*peruinha*” remete à designação de pessoas que se enfeitam demais ou se vestem e maquiam de forma extravagante, revelando o imaginário do autor. Tal postura na escrita, segundo Coracini (2010, p.24), constitui-se num “movimento para fora (*ex-scripta*)”, isto é, de si para o outro. Parece que as autoras deixam vir à tona suas memórias ao descreverem a personagem na narrativa.

Para enganar Chapeuzinho, o lobo sugere a ela que siga por uma trilha mais longa que a levará até a casa da avó. Note-se a argumentação do lobo no E7.

E7.
- Ei menina, você sabia que aquele outro caminho é mais longo, mas *acabaram de inaugurar uma loja*. Vá por ele, *compre uma roupa para a velha, e quem sabe aproveita a promoção e faz uma comprinha para você*.
D1.

Em resposta a argumentação do lobo, conta o narrador o que fez Chapeuzinho no E8.

E8.
Como *não perdia uma oportunidade de gastar*, a menina *sem pensar duas vezes*, mudou seu caminho.
D1.

Os excertos 7 e 8 revelam um discurso típico publicitário, de propaganda, utilizado como meio de enganação e de persuasão da personagem. O excerto 8, mais especificamente, revela o consumismo da personagem principal em torno de produtos de moda e beleza. A expressão “*sem pensar duas vezes*” leva a observar o consumismo desenfreado, irracional, que leva o cidadão a comprar aquilo de que não precisa, sempre na tentativa de suprir uma aparente falta, provocada pela necessidade de consumo inculcada pela mídia.

Pechêux (1969 apud ORLANDI 2006, p. 17) escreveu que “as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia [...], sem pensar a linguagem”. Desse modo, ao usarem expressões fortemente marcadas socialmente, as autoras não o fizeram de forma arbitrária, mas de forma a revelarem-se inscritas em uma formação discursiva, em uma ideologia, que pela linguagem e na linguagem, constituíram seus dizeres, materializados nos discursos, revelando assim, traços de suas subjetividades.

E9.

- Nossa Vovó, que orelhas tão grandes?
- São para *usar maxi brincos*!
- Que olhos tão grandes?
- Fiz *micro pigmentação* para aumentar o meu olhar.
- E estas mãos tão grandes?
- Ah, minha netinha, são para *colocar muitos anéis*.
- E este nariz tão grande?
- Ai já sei, *preciso fazer uma plástica*!
- E essa boca tão grande?
- É para comer menina curiosa, que tem a *pele e cabelos perfeitos... que ódio de você!*

D1.

O E9 refere-se ao trecho do conto em que Chapeuzinho depara-se com a avó (o lobo disfarçado de avó) e lhe faz algumas perguntas. Observe-se a coerência das respostas do lobo disfarçado de avó, com o perfil da personagem, cuja vaidade constitui um traço marcante de sua subjetividade. As escolhas lexicais referentes aos itens de beleza revelam a atualidade dos produtos presentes no mundo contemporâneo: *maxi brincos* são itens próprios do contexto sócio-histórico atual; *micro pigmentação* é um procedimento médico também atual, para o rejuvenescimento da pele. Em relação ao enunciado final do lobo, desponta um sentimento de inveja do personagem em relação à “*pele e cabelos perfeitos*” da menina e o sentimento de “*ódio*” explicitamente revelado pelo dizer do animal. A fala do lobo parece marcada por um discurso metrossexual, característico de homens que se preocupam excessivamente com a beleza. A palavra “metrossexual” é uma junção das palavras “metropolitano” (cidade, metrópole) e “sexual”, cujo significado se refere a um homem urbano que se preocupa em cuidar da aparência. O metrossexual gosta de se vestir bem e de estar na moda; investe em vestuário e acessórios sofisticados, frequenta cabeleireiros e institutos de beleza, cuida da pele, usa cosméticos, bons perfumes, faz manicure, pedicure, depilação, etc. Tem-se neste fragmento de texto, a presença do interdiscurso, que mostra o discurso do outro no texto das autoras, ou seja, a memória discursiva.

Já no final da narração, a entrada do caçador na história, relatada pelo narrador, também revela traços da valorização da aparência física das pessoas, como em E10.

E10

Quando abriu a porta, viu um lobo com *bob na cabeça*, *uma gosma verde* escorrendo pela cara, tentando comer *a linda* Chapeuzinho.

D1.

A voz do narrador é marcada por esse contexto sócio-histórico de valorização da beleza, tanto quanto a voz dos demais personagens, revelando-se – as autoras - inscritas em uma formação discursiva que preconiza a beleza exterior em um mundo multifacetado, no qual os sujeitos têm existência e no qual as formas de produção econômica, na indústria de consumo, a produção do corpo em conformidade a determinados padrões de estética, promovem uma produção de subjetividade (FERNANDES, 2012). A formação discursiva determina o que pode e deve ser dito dentro do contexto sócio-histórico-ideológico apresentado, permitindo-nos compreender o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia, possibilitando o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2013).

Na sequência da história, a avó é engolida e o caçador tenta resgatá-la da barriga do lobo, mas é interrompido pela menina, que pede socorro a um cirurgião plástico, como se vê no E11.

E11.

A menina ignorou o Caçador, *sacou o celular* e ligou para *seu cirurgião plástico*:
É na mesma casinha que já conhece, onde acontecem as *festas de botox*.

D1.

Esse excerto remete a um discurso da era tecnológica a partir do uso do “*celular*” pela personagem principal. Reforça ainda, a alta classe social a que pertence a menina, uma vez que o narrador relata que Chapeuzinho ligou para “*seu*” cirurgião plástico, revelando, através do uso do pronome possessivo, uma relação direta da menina com um médico especialista em beleza física, estética. Pela voz da personagem, identifica-se ainda mais a relação íntima com o cirurgião plástico que costuma frequentar a casa da avó e participar de “*festas de botox*”, isto é, de festas cuja temática gira em torno de procedimentos de rejuvenescimento facial. O modo como a menina informa a festa e o uso do presente do indicativo indicam que os eventos acontecem com certa frequência: “*onde acontecem as festas de botox*”. O procedimento estético do *botox* é de alto custo financeiro e remete a uma classe social específica, cuja condição social permite arcar com tais custos em razão da beleza estética, ou

seja, a festa não é aberta a qualquer pessoa, mas àquelas que compartilham de valores e condições socioeconômicas comuns.

Vê-se, na materialidade linguística do texto e nos efeitos de sentido que produz, a expressão da subjetividade das autoras e sua inscrição em uma determinada formação discursiva. As definições de padrões de beleza dão-se pelo discurso, exteriores ao sujeito, “mas este precisa exercer a verbalização desses discursos para que haja a fixação desses ‘valores’ em seu interior [...] os discursos precisam ser compreendidos ‘enquanto enunciados materialmente existentes [...] proposições verdadeiras [...] aceitáveis de comportamento” (FOUCAULT, 2004, p.389-390 apud FERNANDES, 2012, p.82).

Finalmente, depois de ser a avó salva pelo cirurgião plástico, fica-se sabendo pela voz do narrador, que Chapeuzinho aprendeu uma lição, expressa no E13.

E13.

E Chapeuzinho aprendeu uma lição:

Todos podem ser bonitos, até um lobo selvagem, basta cremes, maquiagens e a loja certa.

D1.

Observa-se como o foco de toda a história volta-se para a questão da beleza física e dos vários artifícios para conquistá-la. A lição que Chapeuzinho aprendeu revela um valor e uma busca coletiva pela beleza, pois “*todos podem ser bonitos, até um lobo selvagem*”. Se até mesmo o mais feio – “*um lobo selvagem*” – pode tornar-se belo, hipoteticamente todos o poderiam também. Contudo, ao afirmar que o meio para tornar-se belo é através de “*cremes, maquiagens e a loja certa*”, afirma-se que apenas quem tem acesso a esses produtos e espaços de beleza podem ter acesso à beleza em si, excluindo-se outros grupos de pessoas. O discurso da exclusão social, em uma sociedade capitalista, faz-se presente na voz do narrador e revela partes da subjetividade das autoras do texto. No desfecho do conto, ainda, fica evidente a lição de moral característica desse gênero textual, identificando-se um movimento “*in-scripta*”, de acordo com Coracini (2010).

Conclusão

O presente estudo buscou responder à seguinte pergunta: de que maneira a subjetividade se apresenta na reescrita de um texto? Os resultados da análise dos textos das professoras mostraram que a subjetividade pode se apresentar na manifestação da linguagem – escolhas lexicais, verbais, de conteúdo temático, que filiam os sujeitos a redes de sentidos, inscrevendo-os em formações discursivas. Esses vestígios de linguagem identificados no “o

que se diz” e “no modo como se diz”, isto é, nos enunciados desses sujeitos, têm a ver com o que é dito em determinadas condições de produção e em outras, presentes na historicidade e memória da língua e do sujeito e que constituem sua subjetividade. A memória faz parte da produção do discurso e o sujeito, ao (re)escrever, inscreve-se, assumindo um discurso e uma posição-sujeito e não outra.

As propostas de reescrita, como a que foi apresentada neste artigo, podem representar um campo fértil de expressão de subjetividade para aqueles que se propõe a escrever a partir de textos conhecidos, já publicados por outros autores. No caso das narrativas, especialmente, as professoras puderam inscrever-se no processo de produção textual, expondo suas ideias, seus sentimentos, assumindo uma posição-sujeito, em uma determinada formação discursiva, ideológica, que preconiza a beleza exterior acima de tudo. Evidenciou-se um discurso marcado por valores de beleza, estética, moda, consumo, assediado pela mídia, que inculca a necessidade de consumo de objetos que poderão, ilusoriamente, suprir a falta que constitui o sujeito em sua incompletude.

A presente pesquisa pode contribuir com a formação de pedagogos e demais professores, que atuam em sala de aula na formação de leitores e escritores, uma vez que viabiliza a estratégia metodológica da proposição de reescritas de textos como um meio de desenvolvimento da competência escritora, mas também e, especialmente, como uma forma de manifestação da subjetividade na inscrição de si enquanto sujeito do discurso. Um texto, em qualquer que seja a situação, será sempre atravessado por várias formações discursivas, que correspondem a diferentes posições-sujeito no discurso que nele representam, revelando em sua materialidade linguística, traços da subjetividade do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- _____; NAVARRO, P. (Org.) *Discurso e sujeito: reflexões teóricas e dispositivos de análise*. Curitiba: Appris, 2012.
- CORACINI, M. J. R. F. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: ECKERT-HOFF, B. M; _____. (Org.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas maternas e estrangeira*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 17-50.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: _____. LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.
- _____. *Análise de discurso*. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 1997.

TORERO, J. R.; PIMENTA, M. A. *Chapeuzinhos Coloridos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.